

EDUCAÇÃO COMPARADA PARA A CONTEXTUALIZAÇÃO DE MODELOS DE ENSINO E RENOVAÇÃO DE DISCURSOS EDUCACIONAIS



<https://doi.org/10.22533/at.ed.9541225180314>

Data de Submissão: 02/04/2025

Data de aceite: 04/04/2025

Júlio César das Neves Amaral

Mestrando em Ciências da Educação da FICS – Facultad Interamericana de Ciencias Sociales Assunção – PY
<http://lattes.cnpq.br/1874382738597859>

Francisco José Barbosa

Professor Pós-Doutor em Sociologia, docente e orientador da FICS – Facultad Interamericana de Ciencias Sociales Assunção – PY
<http://lattes.cnpq.br/6763831448070546>

RESUMO: O texto analisa o desafio de aprender “com ou sobre outros” sistemas educacionais intra e internacionais, visando identificar e compreender algumas características do método da Educação Comparada. Nesse sentido, com base em pesquisa bibliográfica, estimulada por Devechi, Tauchen e Trevisan (2018), destaca dois elementos principais: (i) a interconexão global dos sistemas educacionais, que, em meio à globalização, muitas vezes transfere modelos sem considerar contextos locais, favorecendo interesses exclusivos; e (ii) o uso de dados de desempenho estudantil em testes para justificar equilíbrio social. O levantamento bibliográfico revelou que a

Educação Comparada estimula, transforma e concilia experiências educacionais, pautando-se na investigação do processo comunicativo que acontece nos distintos espaços, tempos e contextos. O trabalho propõe renovar discursos educacionais e promover trocas práticas entre diferentes contextos educacionais. Destaca-se o foco do método nas compreensões das diferenças entre sistemas educacionais nacionais ou internacionais.

PALAVRAS-CHAVE: educação comparada; sistemas educacionais; globalização.

COMPARATIVE EDUCATION FOR CONTEXTUALIZATION OF TEACHING MODELS AND RENOVATION OF EDUCATIONAL SPEECHES

ABSTRACT: The paper analyzes the learning challenges using educational systems, both nationally and internationally, aiming to identify and understand certain features of Comparative Education method. According to bibliographic research conducted by Devechi, Tauchen, and Trevisan (2018), two main elements are emphasized: (i) the global educational systems interconnection, which, through globalization, often transfers models without

considering local contexts, benefiting exclusive interests; and (ii) the use of academic performance data from tests to justify social equilibrium. The bibliographic survey revealed that Comparative Education stimulates, transforms and combines educational experiences, focusing on the investigation of communicative process that occurs in different spaces, times, and contexts. The paper proposes renewing educational speeches and promoting practical exchanges between different educational contexts, emphasizing the method's focus on understanding the differences between national or international educational systems.

KEYWORDS: comparative education; educational systems; globalization.

INTRODUÇÃO

Este escrito compõe os registros do processo construtivo da dissertação de mestrado para o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação da Faculdade Interamericana de Ciências Sociais (FICS) e traz indicações de suporte para uma análise de questões sobre aprender “com” ou “sobre” sistemas educacionais intra e internacionais, conforme o método de pesquisa comparativa.

Para identificar e compreender as qualidades da Educação Comparada relevantes a este estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica em publicações científicas, físicas e digitais. Os textos escolhidos incluem autores que promovem o aprendizado a partir das vivências educacionais de outros, destacando de forma sucinta o diálogo entre diferentes perspectivas.

A meta central desta publicação consiste em explorar o percurso histórico dos estudos comparativos, destacando as motivações que culminaram na formalização do método da Educação Comparada e enfatizando como essa disciplina evoluiu de uma análise centrada em sistemas educacionais específicos para um entendimento mais amplo das interações entre contextos locais e globais.

BREVE HISTÓRICO E EVOLUÇÃO

A Educação Comparada teve suas primeiras manifestações na Europa no final do século XVIII, mas consolidou-se como método científico no final do século XIX, com a obra de Marc-Antoine Jullien de Paris, *“Esboço e Noções Preliminares de uma Obra sobre a Pedagogia Comparada”*. O texto propôs compreender características e influências dos sistemas educacionais de diferentes países para estabelecer preceitos fundamentais e regulamentos na educação, fundamentando a crença na possibilidade de identificar e transferir soluções educacionais entre nações de forma científica (NÓVOA, 2017).

A consolidação do método ocorreu com a criação de organizações como a Comissão Internacional de Cooperação Intelectual (CICI) da Liga das Nações, em 1922 – que visava internacionalizar a produção intelectual, e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em 1945, que promoveu a educação e elaborou políticas públicas voltadas ao desenvolvimento mundial e à paz (OLENDER, 2020).

Ao longo do tempo, a Educação Comparada evoluiu ao incorporar análises funcionais e interdisciplinares. Seu foco foi ampliado quando deixou de ser apenas orientadora de reformas pedagógicas para abranger práticas que analisam métodos de ensino, políticas educacionais e resultados pedagógicos em diversos contextos culturais e sociais (FERREIRA, 2008; PEIXOTO, SILVA; SALOTTI, 2021). Para ir além do contexto dos sistemas educacionais nacionais, considerou as particularidades dos povos, culturas, economias e políticas. Esse enfoque passou a promover a reflexão sobre as razões que vinculam determinado sistema a um local específico, aprofundando a análise dos “porquês” e das influências que os costumes e a sociedade exercem sobre a educação (PEIXOTO; SILVA; SALOTTI, 2021).

A Unesco, no recente documento *“Repensar a educação: rumo a um bem comum mundial?”*, enfatizou a necessidade de reconstruir a educação como um bem comum. Nesse contexto, a Educação Comparada é posicionada como uma aliada essencial no enfrentamento da fragmentação e no fortalecimento do senso de comunidade, contribuindo para a solução de problemas locais e globais (NÓVOA, 2017).

Para compreender essa necessidade de desenvolvimento de uma consciência coletiva de viver em sociedade e a colaboração entre seus integrantes, foi necessário revisar conceitos na pesquisa em Educação Comparada. Soluções ou generalizações que anteriormente atendiam a diversas realidades em diferentes países têm sido substituídas por valores que reconhecem a complexidade e especificidade de cada contexto e estão presentes no ato de aprender com ou sobre as diferenças.

É o ponto de vista histórico, a inteligibilidade, os sentidos que são atribuídos a um conjunto de realidades o que se busca encontrar, prioritariamente, enquanto achados investigativos. Nessa perspectiva, a pesquisa Educação Comparada se apresenta, por um lado, como uma epistemologia, por outro, enquanto metodologia investigativa. (ZUCCHETTI, 2019, p. 350).

No âmbito epistemológico, Zucchetti (2019), com base em Nóvoa (2017), explica que o sentido do método comparativo emerge de experiências repetidas em determinadas circunstâncias. Esse discernimento evolui à medida que os interlocutores refletem sobre a prática e agem em prol do outro, por meio de conexões sociais e espaços de diálogo entre política e conhecimento. Para a autora, o senso de comunidade se fortalece quando há disposição para uma comunicação livre e democrática. Nesse contexto, a pesquisa comparada busca essencialmente compreensões (NÓVOA, 2017), destacando uma abordagem compreensiva que valoriza as diferenças.

No contexto investigativo, Zucchetti (2019) considera que o foco da Educação Comparada está em compreender “como e por que uma situação se apresenta de determinado modo e não de outro, em diferentes contextos”, considerando o “outro” (sujeito da investigação) em relação às dimensões cultural, social e histórica. A autora exemplifica

as tensões entre política e conhecimento no contexto escolar ao posicionar a Educação Comparada como um método investigativo que aborda problemas sociais refletidos na escola, mas cuja origem é responsabilidade da sociedade. Conforme destaca, “o conhecer, o aprender e a apropriação do conhecimento devem ser apropriados pelos sujeitos da investigação” (p. 351), pois são representantes da sociedade e os principais interessados na resolução das questões que os afetam.

Lourenço Filho (2004), inspirado nas ideias do especialista inglês Lauwers, utiliza uma analogia para destacar a importância das situações locais e das singularidades das pessoas em um contexto pesquisado. Ele compara os resultados dos estudos comparativos ao papel dos conhecimentos de navegação para comandantes de navios ou aeronaves, enfatizando que as conclusões obtidas com o método comparativo contribuem para a autonomia política e para a tomada de decisões fundamentadas.

O navegador não diz ao capitão do navio ou ao piloto do avião *para onde deva dirigir-se*. Fala-lhe dos ventos, dos penhascos e baixios, ou de outros obstáculos que devam ser evitados, a fim de que a nave possa atingir com maior segurança e eficiência um ponto já prefixado.

O que faz, portanto, em face de um propósito predeterminado, é esclarecer a situação em que a atividade de comando deverá desenvolver-se para mais seguro resultado, apreendidas as condições da tarefa que deva ser realizada, depois de maior exame de sua *problemática*. Os estudos de Educação Comparada oferecem elementos válidos para essa análise no caso dos sistemas do ensino, informando-nos de suas razões e das probabilidades do alcance de suas operações. Não mais nem menos que isso. (LOURENÇO FILHO, 2004, p. 21)

Nesse sentido, a analogia confere ao método o uso de instrumentos de navegação especializados, essenciais para analisar e cruzar com compreensão clara os diferentes contextos de céus ou mares.

Da mesma forma, a Educação Comparada, desde as primeiras manifestações no século XVIII até as abordagens contemporâneas, oferece ferramentas específicas que, quando bem utilizadas, produzem conclusões capazes de orientar caminhos e impulsionar a compreensão, indo além do simples conhecimento dos diferentes contextos.

As seções seguintes examinam as implicações da globalização e das políticas avaliativas no processo educacional local, explorando como esses fatores influenciam práticas e orientam políticas educacionais em diferentes cenários.

IMPACTO DA GLOBALIZAÇÃO

Nascimento, Carneiro e Leal (2024), baseando-se em Núñez (2010), destacam ações políticas fundamentadas na Educação Comparada, incluindo tópicos abrangentes e atividades práticas. Segundo os autores, a perspectiva “do sistema mundial” oferece uma visão alternativa às abordagens tradicionais do método, posicionando a globalização como

um fator essencial para a análise dos processos educacionais, que capacita os usuários do método comparativo a considerar diversas abordagens e soluções para problemas educacionais locais, além de aumentar a consciência sobre a interconectividade das questões educacionais em escala internacional.

Conforme Devechi, Tauchen e Trevisan (2018), apoiados por Cowen (2012), “um dos esforços da Educação Comparada tem sido redefinir conceitos interpretativos para compreender as novas relações entre o nacional, o internacional e o global”. Nesse contexto, os autores levantam a seguinte problemática:

[...] em um cenário de globalização econômica e de internacionalização da educação, em que a transposição de modelos educacionais de forma descontextualizada é frequente, como fazer comparações não por meros interesses ou especulações de instituições ou países, e sim pela vontade de aprender com o outro sobre educação? E mais: em uma conjuntura em que estruturas informacionais e indicadores de desempenho tornaram-se o princípio de inteligibilidade da coesão social, é possível a realização de trabalhos que interpelem e renovem os discursos educacionais pela possibilidade de troca discursiva entre atores educacionais em distintos espaços e contextos? (DEVECHI; TAUCHEN; TREVISAN, 2018, p. 3)

A primeira questão refere-se à interconexão dos sistemas de ensino globais, no contexto da globalização, mundialização ou internacionalização da educação. Isso frequentemente resulta na transposição de modelos educativos sem a devida contextualização local, beneficiando exclusivamente certas instituições ou países. O segundo paradigma aborda o desempenho estudantil em testes intraescolares e extraescolares, nacionais ou internacionais, onde o uso de dados é visto como um meio de produzir conhecimento legítimo, promovendo o equilíbrio e o funcionamento das sociedades contemporâneas.

Nóvoa (2017, p. 14) destaca “a necessidade da diferença e da compreensão, num tempo em que tudo e todos se transformaram em comparatistas, por via de uma globalização que mudou definitivamente a nossa maneira de pensar”. Complementarmente, Santos, Baades e Silva (2017) enfatizam que cada fato ou evento educacional pode ser entendido pela observação da reciprocidade entre sociedade e educação, revelando uma diversidade de motivos sociais e culturais que explicam o fenômeno.

A globalização foi definida como “a intensificação de relações sociais mundiais que ligam localidades distantes de tal modo que acontecimentos locais são configurados por eventos que ocorrem a muitas milhas de distância, e vice-versa” (HELD, 1991). Held sugere, entre outras coisas, que a globalização é o produto da emergência da economia global, da expansão de vínculos transnacionais entre unidades econômicas que criam novas formas de tomada de decisão coletiva, do desenvolvimento de instituições intergovernamentais e quase supranacionais, da intensificação de comunicações transnacionais e da criação de novas organizações regionais e militares. O processo de globalização é visto como algo que torna as fronteiras nacionais menos distintas, altera solidariedades internas e entre Estados-nação e afeta profundamente as identidades de grupos nacionais e de interesse. (OLMOS; TORRES, 2012, p. 105).

Quanto à relação entre globalização e educação, Kendall (2012), citando Crossley (2020), esclarece que a globalização transforma profundamente os sistemas educacionais, influenciando suas políticas, práticas e objetivos, ao mesmo tempo em que intensifica as conexões e interdependências entre diferentes contextos culturais e sociais.

[...] o interesse pela globalização, e em particular pelo papel da educação na criação e na distribuição de informações, oportunidades, competitividade do Estado e do trabalhador e características individuais, tais como flexibilidade, levou a um renascimento na educação para o desenvolvimento internacional. (KENDALL, 2012, p. 522)

Nessa circunstância, Kazamias (2012) apresenta reflexões de Andy Hargreaves sobre a “reforma do ensino (e da educação)” na “sociedade do conhecimento” e na correspondente ‘economia baseada no conhecimento’. Hargreaves argumenta que essas reformas frequentemente priorizam eficiência e resultados mensuráveis, mas carecem de uma compreensão mais profunda das complexas interações entre educação, sociedade e economia, além de negligenciarem a necessidade de abordar desigualdades e promover a justiça social.

[...] as sociedades capitalistas contemporâneas que são também economias baseadas no conhecimento servem principalmente ao bem privado; suas escolas são geridas para desenvolver aprendizagem primordialmente cognitiva, habilidades e competências instrumentais para uma sociedade do conhecimento e uma economia do conhecimento. Porém, segundo ele, uma economia baseada no conhecimento é uma “força de destruição criativa”. Por um lado, “estimula o crescimento e a prosperidade”, mas por outro, “sua busca inexorável de lucro e autointeresse também tensiona e fragmenta a ordem social”. Nas economias baseadas no conhecimento, os sistemas escolares “ficaram obcecados com a imposição e a microgestão de uniformidade curricular”, ao invés de “promover criatividade e engenhosidade. (KAZAMIAS, 2012, p. 201)

Paulston (2012), ao se referir às ideias de Cowen (1996), ressalta que o conhecimento é construído e reconstruído em diferentes contextos culturais, sociais e históricos, sendo essencial considerar essas dinâmicas ao analisar sistemas educacionais. O autor enfatiza que a educação comparada deve ir além da mera descrição de sistemas, buscando interpretar como as interações locais e globais moldam o conhecimento e as práticas educativas.

O conhecimento tornou-se uma tecnologia, ou seja, um produto comercializável sujeito à performatividade e também a testes de verdade. [...] Cowen argumenta, com grande discernimento, que essas mudanças definem um tipo diferente de educação comparada, que não se baseia nas já cansadas metanarrativas modernistas de certeza, e sim no reconhecimento de uma crise de legitimidade. (PAULSTON, 2012, p. 408)

Ao considerar a globalização e as políticas avaliativas mundiais, ambos os fenômenos coexistem no contexto atual, permitindo a análise das diferenças e compreensões que emergem das diversidades históricas, sociais, econômicas, étnicas, culturais e ideológicas de cada sociedade. Isso remete o pesquisador ao caráter interdisciplinar da Educação Comparada (LOURENÇO FILHO, 2004; PEIXOTO; SILVA; SALOTTI, 2021).

A esse respeito, Santos, Baades e Silva (2017, p. 43) reforçam que a interdisciplinaridade é inerente à educação, mas, na Educação Comparada, ela se manifesta nos estudos que investigam as sociedades em todas as suas dimensões antes mesmo de compreender seus sistemas educacionais.

RENOVAÇÃO DE DISCURSOS EDUCACIONAIS

Como visto, a mundialização afeta a transferência de modelos educacionais e reforça a necessidade de contextualização local, aproximando países e vinculando pessoas acerca do uso de fontes de informação supostamente confiáveis para a verificação do desempenho estudantil, por exemplo.

Na Educação Comparada, porém, “as bases de dados e os modos de investigação são mais qualitativos do que quantitativos”, refletindo sua natureza como ciência humana de caráter explicativo e interpretativo (Kazamias, 2012), incluindo aspectos da construção de subjetividades e a promoção de práticas pedagógicas diversificadas e inclusivas.

Um exemplo disso pode ser observado nas reformas educacionais globais que introduzem discursos políticos e reconstituem a capacidade de julgamento de cada docente.

A Educação Comparada permite identificar e isolar tendências gerais, efeitos e similaridades das políticas neoliberais na educação, como a “desprofissionalização docente” provocada pelo “mercado de indicadores de competição e desempenho”, reiterando a exigência de uma análise atenta aos contextos nacional, regional e local (BALL *et al.*, 2013). O método transcendeu a investigação limitada de aspectos exclusivos dos sistemas educacionais (SANTOS; BAADES; SILVA, 2017) e evoluiu para uma abordagem que busca compreender a construção de subjetividades nas relações que produzem sentidos discursivos e solidariedades simbólicas, estabelecendo uma nova perspectiva que enfatiza o reconhecimento do outro como um “texto a ser compreendido” e promove interpretações comprometidas com a pluralidade de sentidos e seus respectivos contextos (DEVECHI; TAUCHEN; TREVISAN, 2018).

Isso porque, não podendo mais compreender os processos educacionais por fatos objetivos, mas especialmente por meio da linguagem, tem-se no discurso a oportunidade de renovar os saberes da área pelas objeções dos outros interlocutores. (DEVECHI; TAUCHEN; TREVISAN, 2018, p. 11)

Nesse contexto, o conhecimento é adquirido por meio da mediação dos outros, exigindo uma capacidade de interação comunicativa (VIGOTSKI, 2000). Os “outros” são interlocutores de diferentes contextos culturais que, através do diálogo, ajudam a superar as limitações humanas em atenção e memória, ampliando a habilidade de acessar informações e tomar decisões.

Não seremos capazes de problematizar os fenômenos educativos se nos fecharmos nos espaços tradicionais de comparação. Dentro de cada país, existem muitos países, muitas realidades. Dentro de cada cidade, existem muitas cidades. Dentro de cada bairro, dentro de cada lugar. Se não reconhecermos as diferentes espacialidades que existem no mesmo espaço, as diferentes temporalidades que existem no nosso tempo, dificilmente poderemos avançar para novas formas de pensar. (NÓVOA, 2017, p. 25)

Essa interação também permite superar as relações de dependência que moldam o mundo interno do sujeito e suas percepções individuais.

APLICAÇÕES PRÁTICAS

Existem estudos de caso ou exemplos concretos, obtidos do contexto de políticas educacionais ou avaliações globais, que demonstram os benefícios e desafios do método comparativo.

Esse enfoque também reforça o papel crítico da Educação Comparada em promover diálogos interculturais e melhorar a compreensão das diferenças e similaridades entre os sistemas educacionais.

Do ponto de vista prático, Nascimento, Carneiro e Leal (2024) apontam que

a educação comparada permite avaliar indicadores de desempenho educacional, como taxa de alfabetização, taxas de conclusão de ensino, investimento em educação e resultados em exames nacionais e internacionais. Essas informações são valiosas para entender o impacto das políticas educacionais e para identificar possíveis áreas de melhoria. (NASCIMENTO; CARNEIRO; LEAL, 2024).

Nascimento, Carneiro e Leal (2024, p. 10) também apontam que enfoques como “avaliação e sistema de testes” e “resultados e indicadores educacionais” são usados em estudos comparativos para medir o progresso acadêmico dos alunos e a qualidade do sistema educacional, comparando fatores como taxas de abandono escolar, desempenho em testes padronizados e outros resultados educacionais relevantes.

Contudo, Kazamias (2012), citando Kandel (1933), ressalta que os tratamentos puramente estatísticos são úteis para medir resultados, prescrever condutas e impor obrigações em diversas atividades educacionais, mas adverte que esses métodos não são adequados para definir objetivos educacionais nem para estabelecer requisitos de qualidade para os sistemas de ensino

Ocorre que a Educação Comparada, enquanto necessidade especial, transita de um passado relativamente distante, analisando locais com necessidades sociais semelhantes ou distintas, para transferir, no presente, o conhecimento gerado a partir das diferenças e compreensões identificadas, em um processo que busca atender demandas específicas de contextos variados (DEVECHI; TAUCHEN; TREVISAN, 2018; GOMES; PIMENTEL, 2020).

Sob essa perspectiva, é importante considerar que a organização, estrutura e sistematização conferem às obras literárias sobre Educação Comparada um caráter simultaneamente duradouro e atual (SANTOS; BAADES; SILVA, 2017).

Para exemplificar, uma obra relevante, que permanece atual ao longo do tempo, é o registro de George W. Parkyn, diretor neozelandês de pesquisas educacionais, intitulado *“O ensino de segundo grau: estudo de educação comparada”* (MEC, 1966).

Nas primeiras páginas, Parkyn, na seção “*A evolução do ensino do segundo grau: mudanças de estrutura e de organização*”, apresenta reflexões que revelam surpreendentes semelhanças entre o ensino secundário da década de 1960 e a realidade atual do ensino médio no Brasil.

Segundo o MEC (1966), desde a segunda metade do século XX, os problemas educacionais ao redor do mundo variavam significativamente. Em alguns países, as dificuldades decorriam da falta de escolas de nível elementar, do elevado grau de analfabetismo e de uma tendência de crescimento a longo prazo no número de estudantes no ensino superior. Já naquela época, os níveis primário e superior apresentavam maior clareza quanto às suas necessidades e à aceitação de objetivos e métodos, o que facilitava a definição e orientação de suas respectivas aplicações.

No nível secundário, ao contrário, a situação é bem mais complicada: pois a própria noção de ensino de segundo grau se acha em plena evolução, e as dificuldades práticas encontradas pelo desenvolvimento deste ensino são agravadas pela confusão dos objetivos e as divergências de opiniões. De todos os níveis de ensino, é sem dúvida aquele que atualmente enseja a educadores e administradores as observações mais interessantes e as pesquisas comparativas mais fecundas. (MEC, 1966, p. 7)

Quase 60 anos depois, a descrição de Parkyn confirma que o ensino médio continua sendo um campo fértil para pesquisas em Educação Comparada, destacando aspectos surpreendentemente atuais. Sua análise remete a um período histórico que revela problemas semelhantes aos enfrentados hoje, como as persistentes “divergências e opiniões” marcadas pela imprecisão na definição de forma e conteúdo. Nesse caso, como exemplo, tem-se as dificuldades de vinculação objetiva da formação geral básica com os itinerários formativos. De modo geral e em tese, cabe considerar que as possíveis causas podem ser estruturais, perpetuando a lacuna existencial ainda observada no ensino médio.

Assim sendo, considerando a relevância da educação básica como etapa fundamental de articulação entre os ensinos fundamental e superior,

é possível perceber que o Novo Ensino Médio prioriza trilhas de formação aparentemente individualizadas, mas que, na realidade, promove o esvaziamento curricular de disciplinas essenciais ao pensamento crítico, como Filosofia, História, Geografia, Sociologia e Artes. [...] O colapso da escola pública não é um fenômeno novo. Ele reflete séculos de desigualdade e violência estrutural que marginalizam grupos sociais – pretos e pardos, indígenas, mulheres, LGBTs e pessoas em situação de pobreza. A implementação do Novo Ensino Médio aprofunda esse quadro distópico, consolidando a educação pública como um espaço de precariedade e abandono. Em vez de ser um mecanismo de transformação social, a escola é instrumentalizada como ferramenta de manutenção e naturalização da ordem social estruturalmente desigual e injusta. (MEDEIROS; FARIA, 2024)

Dessa forma, a globalização recebe destaque como um fator central para a “desarmonia” entre o Estado-nação e a educação formal, ressaltando que as transformações globais impactam profundamente os sistemas educacionais e esse processo enfraquece a capacidade dos Estados de moldar a educação de acordo com suas demandas e contextos específicos (OLMOS; TORRES, 2012).

O conceito apresentado por Olmos e Torres (2012) descreve um Estado-nação que utiliza sua condição geopolítica para expandir políticas externas e consolidar o controle político interno, fundamentando suas práticas em interesses políticos e na preservação cultural e étnica dos governados. Nesse cenário, o Estado busca fomentar um espírito participativo entre os cidadãos através de uma educação voltada para a preparação para o trabalho, a inserção econômica e a participação política. Tal abordagem reflete um esforço para reduzir a intervenção estatal direta na educação e redefinir seu papel na construção da democracia, priorizando a autonomia individual e a integração entre as dimensões econômica e política.

No entanto, ainda conforme Olmos e Torres (2012), as soluções adotadas frequentemente baseiam-se em teorias que refletem o papel do Estado na sociedade, mas nem sempre atendem aos interesses da sociedade em si. Apoiados nos argumentos de Martin Carnoy (1992), os autores consideram que é necessário conhecer o que está por trás do discurso que promove a educação e o conhecimento na sociedade, uma vez que

a maioria das análises de problemas educacionais traz implícita uma teoria do Estado, mas raramente os fundamentos dessa teoria são reconhecidos ou explicitados na pesquisa e na prática educacional. Refletir sobre nossos próprios pressupostos parece ser uma pré-condição para um conhecimento sólido. (OLMOS; TORRES, 2012)

Os problemas que envolvem questões educacionais – como os que ocorrem no ensino médio – devem ser solucionados com foco na razão e no benefício dos estudantes de escolas públicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto examinou temas contemporâneos, como a globalização e as políticas avaliativas, que moldam a educação no cenário nacional e internacional.

A análise propôs uma reflexão sobre as implicações desses fenômenos, ressaltando o impacto das dinâmicas globais sobre as práticas e políticas educacionais locais.

A Educação Comparada foi identificada e compreendida como uma ferramenta essencial para compreender as relações entre culturas, sistemas e valores educacionais, promovendo uma abordagem inclusiva e interpretativa.

A abordagem do método considera a contextualização de modelos de ensino e renovação de discursos educacionais, refletindo o foco central no papel do método em analisar modelos educacionais no cenário global e local, numa tentativa de encaminhar uma possível resolução à problemática sugerida por Devechi, Tauchen e Trevisan (2018, p. 3).

Buscou-se discutir como os métodos comparativos permitem contextualizar práticas de ensino em diferentes culturas e sociedades, considerando as influências históricas, sociais, culturais, políticas e ideológicas, sejam elas internas ou externas. Além disso, o texto indicou a intenção de renovar os discursos educacionais, promovendo interpretações mais inclusivas e adaptadas às realidades contemporâneas.

Por fim, a Educação Comparada se revela como um catalisador de estímulos, transformações e conciliações entre experiências educacionais, ao promover o diálogo com o discurso “do outro” e ao propor alternativas de troca de práticas cotidianas “com o outro”. Essa abordagem coloca a segunda pessoa como uma interlocutora ativa e produtora de significados, capaz de participar de forma comunicativa em diferentes espaços, tempos e contextos.

Dessa forma, reafirma-se o papel da Educação Comparada como um campo de estudo que valoriza a pluralidade, o entendimento mútuo e a construção coletiva de conhecimentos (DEVECHI; TAUCHEN; TREVISAN, 2018).

REFERÊNCIAS

- BALL, Stephen J.; BAILEY, Patrick; MENA, Paula; DEL MONTE, Pablo; SANTORI, Diego; TSENG, Chun-ying; YOUNG, Helen; OLMEDO, Antonio. Tradução: Álvaro Moreira Hypolito. Em: **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 46, n. 32, maio/ago. 2013. p. 9-36. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=563959981002>. Acesso em: 22 dez. 2024.
- COWEN, Robert. Antes e agora: ideias-unidade e educação comparada. Em: COWEN, Robert; KAZAMIAS, Andreas; ULTERHALTER, Elaine. (Orgs.). **Educação comparada: panorama internacional e perspectivas**. v. 2, Brasília: UNESCO, CAPES, 2012. p. 749-770. Disponível em: <https://coilink.org/20.500.12592/g76747>. Acesso em: 28 dez. 2024.
- DEVECHI, Catia Piccolo Viero; TAUCHEN, Gionara; TREVISAN, Amarildo Luiz. A figura do outro na educação comparada: uma perspectiva de aprendizagem comunicativa. Em: **Revista Brasileira de Educação**, v. 23, p. e230055, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782018230055>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/jxHTxGGHs4FjqqGTR4B46LC/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 18 dez. 2024.
- FERREIRA, António Gomes. O sentido da Educação Comparada: uma compreensão sobre a construção de uma identidade. Em: **Educação**, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 124-138, maio/ago. 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/download/2764/2111/9806>. Acesso em: 20 dez. 2024.
- GOMES, Cândido Alberto; PIMENTEL, Gabriela Sousa Rêgo. Afinal, a educação viaja bem? Em: **RBEC: Revista Brasileira de Educação Comparada**, Campinas, SP, v.1, p.1-17, 2020 – ISSN 2595-7171. DOI: <https://doi.org/10.20396/rbec.v1i0.12229>. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inepc/index.php/rbec/article/download/12229/8580/25641>. Acesso em: 11 dez. 2024.
- KAZAMIAS, Andreas M. Homens esquecidos, temas esquecidos: os temas histórico-filosófico-culturais e liberais humanistas em educação comparada. Em: COWEN, Robert; KAZAMIAS, Andreas; ULTERHALTER, Elaine. (Orgs.). **Educação comparada: panorama internacional e perspectivas**. v. 1, Brasília: UNESCO, CAPES, 2012. p. 55-80. Disponível em: <https://coilink.org/20.500.12592/g76747>. Acesso em: 28 dez. 2024.
- KENDALL, Nancy. Educação para o desenvolvimento internacional. Em: COWEN, Robert; KAZAMIAS, Andreas; ULTERHALTER, Elaine. (Orgs.). **Educação comparada: panorama internacional e perspectivas**. v. 1, Brasília: UNESCO, CAPES, 2012. Disponível em: <https://coilink.org/20.500.12592/g76747>. Acesso em: 18 dez. 2024.
- LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström; MONARCHA, Carlos; LOURENÇO FILHO, Ruy. **Educação comparada**. 3. ed. – Brasília-DF: MEC/Inep, 2004. 250p. (Coleção Lourenço Filho, ISSN 1519-3225 ;7). Disponível em: <https://www.sbec.fe.unicamp.br/pf-sbec/publicacoes/livros/lourencoeducacao comparada.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2024.
- MEC, Ministério da Educação. O ensino de segundo grau: estudo de educação comparada. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/ConteudoForm.do?select_action=&co_obra=28021. Acesso em: 14 dez. 2024.
- MEDEIROS, Rodrigo; FARIA, Luiz Henrique Faria. **O novo ensino médio e o cancelamento do futuro**. Jornal GGN (Grupo Gente Nova). São Paulo (SP): Grupo Jornal GGN Ltda., 2024. Disponível em: <https://jornalgn.com.br/educacao/meideiros-faria-novo-ensino-medio-e-cancelamento-do-futuro/>. Acesso em: 29 dez. 2024.

NASCIMENTO, Camila; CARNEIRO, Elisangela; LEAL, Luciane. Educação comparada e sistemas educativos: algumas considerações. Em: **Revista Tópicos**, v. 2, n. 6, 2024. ISSN: 2965-6672. DOI: 10.5281/zenodo.10724758. Disponível em: <https://zenodo.org/records/10724758>. Acesso em: 06 dez. 2024.

NÓVOA, António. Ilusões e desilusões da educação comparada: política e conhecimento. Em: **ES&C - Educação Sociedade & Culturas**. Dossier temático “entre Paris e Pisa: 200 anos de educação comparada”. N. 51, p. 13-31., dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.34626/esc.vi51.82>. Disponível em: <https://ojs.up.pt/revistas/index.php/esc-cie/article/view/82>. Acesso em: 14 dez. 2024.

OLENDER, Marcos. “O abismo da história é grande o suficiente para todos’. Os primórdios da Carta de Atenas de 1931 e a afirmação da noção de patrimônio da humanidade”. Dossiê: Patrimônio e Relações Internacionais. Em: **Locus: Revista de História**, Juiz de Fora, v. 26, n. 2, 2020. p. 291-313. DOI: <https://doi.org/10.34019/2594-8296.2020.v26.31204>. Disponível em: https://www.academia.edu/download/67669470/Artigo_Locus_Carta_de_Atenas.pdf. Acesso em: 21 dez. 2024.

OLMOS, Liliana Esther; TORRES, Carlos Alberto. Teorias do estado, expansão educacional, desenvolvimento e globalizações: abordagens marxista e crítica. Em: COWEN, Robert; KAZAMIAS, Andreas; ULTERHALTER, Elaine. (Orgs.). **Educação comparada: panorama internacional e perspectivas**. v. 1, Brasília: UNESCO, CAPES, 2012. p. 97-113. Disponível em: <https://coilink.org/20.500.12592/g76747>. Acesso em: 28 dez. 2024.

PAULSTON, Rolland G. O mapa da educação comparada depois da pós-modernidade. Em: COWEN, Robert; KAZAMIAS, Andreas; ULTERHALTER, Elaine. (Orgs.). **Educação comparada: panorama internacional e perspectivas**. v. 2, Brasília: UNESCO, CAPES, 2012. p. 383-529. Disponível em: <https://coilink.org/20.500.12592/g76747>. Acesso em: 28 dez. 2024.

PEIXOTO Beatriz Ribeiro; SILVA, Alexandre de Souza e; SALOTTI, Luciana Siqueira Rossetto. A proposta metodológica de Bereday para a educação comparada: comentários e possibilidades. Em: **RPGE- Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 25, n. esp. 4, p. 1916-1930, dez. 2021. DOI:10.22633/rpge.v25iesp.4.15931. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/15931>. Acesso em: 06 dez. 2024.

SANTOS, Adelcio Machado Dos; BAADES, Joel Haroldo; SILVA, Everaldo da. **Educação Comparada: Relevância Epistemológica e Operacional**. Em: Educação em Revista, Marília, v.18, n.1, p.41-56, Jan.-Jun., 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/2236-5192.2017.v18n1.04.p41>. Acesso em: 26 dez. 2024.

VYGOTSKI, Lev Semyonovich. A formação social da mente. 4. ed., São Paulo – SP: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1991. Disponível em: <https://oportuguesdobrasil.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/02/vygotsy-formacao-social-da-mente.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2024.

ZUCCHETTI, Dinora Tereza. Pesquisa em educação: educação comparada a partir de estudos de Nóvoa e Ferreira. Em: **Revista Contrapontos** (Eletrônica), v. 19, n. 1, Itajaí (SC), jan.-jun. 2019. P. 346-364. DOI: 10.14210/contrapontos.v19n1.p346-364. Disponível em: www.univali.br/periodicos. Acesso em: 23 dez. 2024.